

A BAÍA QUE JÁ NÃO É TÃO MARAVILHOSA

O lixo foi, por sinal, um tema recorrente nessa disputa. E deve continuar assim até 2016, quando o Rio receberá os Jogos Olímpicos — espera-se, porém, que até lá a coisa melhore um pouco. Diante da poluição que não para de crescer na baía, um competidor com mais de 50 anos de Star só esperava que seus netos tivessem mais sorte do que ele em futuras velejadas. Mais direto ainda foi o suíço Marazzi. O vice-campeão mundial saiu da baía irritado com seu 30º lugar no primeiro dia e cheio de más lembranças. “A água desta baía é puro esgoto. Com tanto lixo boiando, nem quis imaginar o que poderia haver debaixo dele.”

E não foi só o lixo que atrapalhou a regata. Logo no primeiro dia, outra confusão na baía: uma barca da travessia Rio-Niterói cismou de cruzar bem no meio da raia, embora a Marinha houvesse bloqueado o movimento dos outros barcos. O teimoso comandante não mudou de ideia nem quando um dos juízes da prova, Nelson Ilha, corajosamente jogou seu bote na frente dos quase 60 metros da barcaça de ferro. E ameaçou manter a rota. Ilha só conseguiu barrar o condutor quando, com o celular na mão, ameaçou: “Vou ligar pro seu chefe!” Ai deu certo. Imagine se já fosse a Olimpíada.

BRASILEIROS ABREM CAMINHO PARA OS GRINGOS

Mesmo com meses de treinamento no Rio, a maioria dos velejadores estrangeiros preferiu não arriscar na única regata disputada dentro da manhosa Baía de Guanabara, repleta de truques e ventos instáveis, e preferiu apenas seguir os brasileiros na água. Quem foi atrás de Lars Grael se deu mal, mas houve quem tenha se aproveitado bem da carona dos locais — como os alemães Johannes Babenderer e Timo Jacobs, que acabaram vencendo a primeira regata, com os britânicos Percy e Simpson

Enfim, juntos!

No primeiro grande confronto direto entre nossas maiores feras da vela, Torben levou a melhor, mas duelo mesmo entre os dois nem houve



Mais até do que uma simples competição entre grandes velejadores, o Mundial do Rio marcou o tão esperado confronto direto, na mesma raia, dos dois maiores nomes da vela brasileira no momento: Torben Grael e Robert Scheidt — que, até então, polidamente, sempre deram um jeito de evitar o duelo em outras

regatas de outras classes. Mas a expectativa acabou não dando em muita coisa porque nem Scheidt nem Torben estavam em sua melhor forma.

Torben não velejava de Star desde 2007 e Scheidt dedicou a maior parte do último ano ao circuito europeu de oceano. Resultado: os dois mal se confrontaram na água e estiveram longe de brilhar sozinhos. Muito pelo contrário, tiveram de brigar duro com outros brasileiros, especialmente o ex-campeão mundial Alan Adler, que velejou com Guilherme de Almeida, e a dupla Lars Grael e Ronald Seifert. Mesmo assim, a disputa particular entre Torben e Scheidt só foi decidida na última regata e a favor do primeiro, que, como de hábito, deu um show na arte de identificar e ler os ventos na Baía de Guanabara. Num dia de ventos muito rondados, a regata final foi a mais difícil taticamente de todo o campeonato. Mesmo largando bem mal, Torben foi acertando uma manobra atrás da outra e conseguiu virar o jogo, ultrapassando Scheidt, Alan e Lars tanto na raia quanto na tabela, garantindo assim o terceiro lugar (e o pódio) na classificação geral — apesar de ter feito duas regatas anteriores muito ruins. Já Scheidt terminou o campeonato num modesto nono lugar. Ainda não foi dessa vez que os amantes da vela tiveram a chance de ver, na água, um tira-teima que já gerou muita conversa e discórdia em qualquer iate clube.

Na primeira regata, os ingleses copiaram as manobras de Torben. E se deram bem

em segundo. “O inglês foi esperto ao copiar as manobras do Torben”, comentou, depois, elegantemente, Robert Scheidt, que chegou em terceiro.

ADVERSÁRIOS, MAS COM TODO RESPEITO

Quem, por sinal, esperava tensão e animosidade no confronto entre Torben e Scheidt se decepcionou por completo. Os dois, que hoje até competem juntos na equipe italiana Luna Rossa, nas provas de oceano na Europa, guardavam seus barcos próximos um do outro quando estavam em terra e, depois de cada regata, trocavam ideias sobre o que tinha ocorrido na água. Perfeitos e elegantes “iatistas”, como se dizia no passado. Mas nem tudo foi tão limpo assim...

VISUAL NADA LEGAL

A bela Baía de Guanabara continuou enchendo os olhos dos velejadores estrangeiros. Mas suas águas cada vez mais poluídas só receberam críticas



Fotos: Fried/Elion/DiVulgação



Marcelo Rhenius/Divulgação

As (novas) estrelas da Star

Os ingleses Iain Percy e Andrew Simpson são a nova dupla de ouro da Star. E rivais do momento para os brasileiros

O GOLPE DO MASTRO CHEIO DE ÁGUA

O Mundial foi disputado em alto nível, mas alguns competidores mais espertinhos bem que tentaram manobras nada esportivas para melhorar o seu desempenho. Os argentinos Jorge Oscar Perez e Marcelo Tufarolo, que terminaram lá atrás, em 62º lugar, tiveram seu momento de fama ao serem pegos com o mastro cheio de água durante a medição. Depois, com a maior cara-de-pau, disseram que a água (mais de quatro litros!) havia entrado ali durante a lavagem do barco — só não conseguiram explicar por que os orifícios do mastro, por onde a água deveria escorrer, estavam tapados. Houve também um chileno que “esqueceu” três âncoras em locais de difícil acesso. A ideia era simples: colocar o barco bem pesado na balança e depois tirar as “gorduras” na hora de velejar. Ao que se saiba, ninguém conseguiu. Mas também não dá para jurar.

O MUNDIAL DOS VELEJADORES DIET

Além da medição do barco, o peso dos velejadores também era controlado à risca. Que o diga a dupla brasileira Fabio Bodra e Arthur Lopes, desclassificada de uma regata por meros 200 gramas de peso excedente. E isso apesar do esforço que fizeram antes da pesagem, correndo pelo clube vestidos de preto, debaixo do sol implacável do verão carioca. Suaram um bocado, mas no final dançaram.



EM ALTA

Andrew Simpson (esquerda) e Iain Percy levantam a taça do Mundial de Star: vitória merecida nas raíais cariocas (acima)

Os ingleses Iain Percy e Andrew Simpson estão numa fase e tanto: ganharam a medalha de ouro da Star em Pequim e o título mundial no quintal dos brasileiros, no Rio de Janeiro. E mais: são, desde já, grandes favoritos para mais um ouro nas próximas Olimpíadas, daqui a dois anos, que, para completar o quadro altamente favorável, será em seu próprio país. São, em resumo, os rivais do momento para Torben, Scheidt e companhia.

Apesar de serem amigos de infância, Percy (timoneiro) e Andrew (proeiro) só começaram a velejar juntos há menos de três anos. Percy, que já havia sido timoneiro do barco + 39 na America's Cup de 2007, buscava um especialista em ventos fracos e encontrou no velho amigo Andrew a solução do problema. “Nas regatas sem ventos ele é responsável por 90% do nosso rendimento”, resume. “Que nada!”, rebate Andrew, devolvendo os confetes para a cabeça do parceiro. “O Percy venceria até com um saco de batatas na proa.” Elogios à parte, a dupla fez realmente um ótimo trabalho no Rio, a ponto de derrotar os brasileiros em sua própria casa. Para isso, espertamente copiaram as escolhas táticas de Torben e Marcelo Ferreira na primeira regata. O que os brasileiros faziam, eles faziam também. E melhor ainda.